O “chão da escola" como documento: experiência, cultura e a atualidade de E. P. Thompson na História da Educação

The “school floor” as a document: experience, culture, and the relevance of E. P. Thompson in the History of Education.

André Luiz Rodrigues Carreira [1]

RESUMO: O presente artigo analisa o impacto das concepções metodológicas de Edward Palmer Thompson na História da Educação, centrando-se nas categorias de experiência e cultura, em articulação e diálogo com o pensamento de Marc Bloch. Investiga-se a ruptura operada por Thompson em relação ao estruturalismo marxista althusseriano e ao determinismo clássico na análise das instituições de ensino, dialogando com Bloch na valorização do fazer histórico e dos sujeitos escolares. A partir das contribuições de historiadores como Justino Magalhães, Luciano Mendes de Faria Filho e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, o texto constrói uma reflexão crítica sobre a escola contemporânea. Conclui-se que o cotidiano escolar constitui um espaço de disputa política e produção cultural viva, onde as experiências dos sujeitos ressignificam as reformas tecnocráticas e as imposições institucionais oficiais em curso no cenário educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Cultura; Educação; História.

ABSTRACT: This article analyzes the impact of Edward Palmer Thompson's methodological concepts on the History of Education, focusing on the categories of experience and culture, in conjunction with Marc Bloch's historical perspective. It

[1] Doutorado em História (USP). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5586-5082 E-mail: andre.carreira@redealix.org.br

investigates Thompson's rupture with Althusserian structuralist Marxism and classic determinism in analyzing educational institutions, while dialoguing with Bloch regarding the valuation of historical craft and school subjects. Based on the contributions of historians such as Justino Magalhães, Luciano Mendes de Faria Filho, and Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, the text constructs a critical reflection on the contemporary school. It concludes that daily school life constitutes a space of political contestation and vibrant cultural production, where the subjects' experiences redefine technocratic reforms and official institutional impositions underway in the educational field.

KEYWORDS: Experience; Culture; Education; History.

10.23925/2176-4174.39.2026e77030

Recebido em: 26/06/2026.
Aprovado em: 05/07/2026.
Publicado em: 08/07/2026.

INTRODUÇÃO

A historiografia das instituições educativas e das práticas pedagógicas passou por profundas transformações ao longo das últimas décadas do século XX. Tradicionalmente, as análises de matriz crítica estruturalista operavam sob uma lógica na qual as escolas, os currículos e as dinâmicas de ensino eram concebidos como meras engrenagens de reprodução ideológica do capitalismo. Sob essa influência, em especial as formulações inspiradas em Louis Althusser, o espaço escolar era pensado como um aparelho ideológico de Estado, cujo objetivo central consistiria em formatar a força de trabalho e conformar as consciências da classe trabalhadora às exigências da acumulação capitalista. Contudo, essa visão reducionista e excessivamente mecanicista começou a apresentar fissuras epistemológicas significativas à medida que os pesquisadores se deparavam com a complexidade, as contradições e a vivacidade das práticas cotidianas que habitavam as salas de aula e os ambientes escolares.

Foi nesse cenário de desgaste dos modelos puramente reprodutivistas que a obra do historiador britânico Edward Palmer Thompson (1924–1993) emergiu como uma força analítica renovadora. Ao publicar sua obra máxima, *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1963), e, posteriormente, sua contundente crítica metodológica em *A Miséria da Teoria* (1981), Thompson operou uma profunda mudança na análise e escrita da história social. A tese central de Thompson abalou os alicerces de vários "marxismos" dogmáticos ao demonstrar que a classe social não é uma categoria puramente econômica, estrutural ou estática, mas sim um processo histórico ativo, relacional e dinâmico, condensado no conceito fundamental de *fazer-se* (*making*) (1987). Para ele, a classe operária não foi simplesmente gerada pelas chaminés da Revolução Industrial; ela construiu a si mesma a partir de suas lutas, de suas memórias, de suas tradições comuns e de sua experiência histórica.

Quando transportada para o campo da História da Educação, a abordagem metodológica de Thompson redirecionou radicalmente o olhar dos investigadores. A escola pública e as iniciativas educativas populares deixaram de ser investigadas estritamente a partir de seus marcos regulatórios, de suas legislações oficiais e dos discursos normativos das elites governantes. Passou-se a priorizar o "chão da escola", o cotidiano dos sujeitos educacionais — professores, alunos, gestores e famílias — e as formas como estes indivíduos vivenciavam, assimilavam, reinterpretavam ou subvertiam os projetos políticos e pedagógicos que lhes eram impostos. No cenário ibero-americano, essa renovação metodológica encontrou eco e desdobramentos sofisticados nos trabalhos de historiadores como o português Justino Magalhães e os brasileiros Luciano Mendes de Faria Filho e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

O objetivo primordial deste artigo consiste em analisar sistematicamente o impacto das concepções metodológicas de E. P. Thompson na consolidação de uma História da Educação renovada. A partir da articulação minuciosa entre as noções de *experiência* e *cultura*, busca-se formular um conjunto de reflexões teóricas e práticas sobre como diagnosticar, interpretar e intervir na escola contemporânea. Diante de um cenário atual marcado pelo avanço de reformas educacionais de caráter marcadamente tecnocrático, gerencialista e padronizador, a perspectiva histórica thompsoniana ressurge não apenas como resgate do passado, mas como um

instrumental analítico indispensável para compreender a experiência humana, a resistência cultural e a produção de novos sentidos educacionais que emergem diariamente no espaço escolar contemporâneo.

1. A Virada Thompsoniana e a Crítica ao Estruturalismo na Pesquisa Educacional

Para compreender a magnitude do impacto de Edward Palmer Thompson na pesquisa histórica contemporânea, faz-se imperativo contextualizar o debate teórico que dividiu as fileiras do materialismo histórico na segunda metade do século XX. De um lado, consolidava-se o estruturalismo liderado por filósofos como Louis Althusser, cuja obra postulava que a história consistia em um "processo sem sujeito", movido por contradições estruturais profundas e determinações econômicas inflexíveis onde os indivíduos eram meros suportes das estruturas dominantes. Nesse esquema conceitual, a escola exercia um papel cirúrgico e monolítico de reprodução social. As normas escolares, os rituais civis, e os currículos eram lidos de forma teleológica, como mecanismos perfeitos de inculcação ideológica burguesa, deixando pouca ou nenhuma margem para a dissidência, para a autonomia ou para a criação cultural originária das classes subalternas.

Thompson insurgiu-se veementemente contra esse modelo analítico em sua obra *A Miséria da Teoria*, de 1981, classificando o estruturalismo althusseriano como uma usurpação logicista. Em suas próprias palavras, "a busca da segurança de uma teoria perfeita, totalizada, é a heresia original contra o conhecimento" (THOMPSON, 1981, p. 54). Para o historiador britânico, o conhecimento histórico não pode se descolar da análise permanente e rigorosa dos indícios e das evidências documentais que emanam das experiências concretas É impensável conceber uma teoria descolada do exame direto das fontes; a teoria é, por definição, permanentemente refeita na relação indispensável com as marcas do passado. Afinal, como asseverava o autor, "toda teoria é um conhecimento em desenvolvimento, provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas" (Idem, 1981, p. 112). A pretensão estruturalista de fechar o sistema histórico em conceitos imutáveis desmorona diante da própria historicidade do saber e da vida social.

Quando essa vigorosa crítica ao dogmatismo estruturalista penetrou o campo da História da Educação, ela funcionou como um poderoso solvente de visões deterministas. Os historiadores da educação perceberam que, ao focar exclusivamente na legislação educacional e nos relatórios de ministros de Estado, a historiografia tradicional — mesmo a de viés crítico — acabava por silenciar os verdadeiros protagonistas do ato educativo. O esquadrinhamento dos arquivos escolares sob a ótica thompsoniana revelou um universo inteiramente novo. Em vez de ler as instituições como o subproduto acabado de um decreto governamental, os pesquisadores compreenderam o que Thompson já apontava quando analisou o operariado britânico no processo de consolidação capitalista: a classe operária e suas instituições foram parte do processo histórico que resultou na indústria moderna, ou seja, uma condição essencial para sua existência e não simplesmente um resultado mecânico da industrialização.

Essa percepção mudou radicalmente as bases epistemológicas da história das escolas. Foi lutando, perdendo, fazendo valer leis e costumes que a classe operária foi se formando e, simultaneamente, concorreu para a efetivação do mundo moderno da indústria. Do mesmo modo, foi tateando nas salas de aula, nas associações, negociando regras e afirmando seus costumes tradicionais de ensino que os sujeitos sociais forjaram a escola como instituição O impacto de Thompson na pesquisa pedagógica consistiu, assim, em deslocar o eixo da análise macroestrutural para a micropolítica do cotidiano. A escola deixou de ser uma caixa preta homogênea de reprodução do capital para se revelar um espaço profundamente heterogêneo, clivado por fraturas, conflitos e resistências que moldaram as próprias estruturas políticas e sociais de nosso tempo.

2. O Diálogo Construtivo com Marc Bloch e o Método Regressivo na História da Educação

A consolidação desse método interpretativo, que privilegia a interação orgânica entre a teoria e os indícios documentais, encontra fértil diálogo com as proposições metodológicas de Marc Bloch (2001). Para o historiador francês, cofundador da Escola dos *Annales*, a história é o resultado de uma relação de mão dupla: ela se alimenta de questões do presente que nos instigam ao estudo do passado, ao mesmo tempo

em que o passado pode nos ajudar a compreender as inquietações mais profundas que temos no presente.

A pesquisa histórica legítima possui, portanto, uma clara âncora contemporânea. Marc Bloch nos convida a refletir que as perguntas e as questões que nos mobilizam hoje, diante de qualquer período da história humana, funcionam como ponto de partida para a busca histórica. Esse procedimento configura o chamado método regressivo, no qual o historiador utiliza os dilemas e contradições do presente como chaves interpretativas capazes de iluminar os vestígios documentais de épocas pretéritas. No domínio da educação, essa perspectiva de mão dupla impede que o historiador encare as escolas do passado como objetos de uma curiosidade morta e antiquária; as investigações passam a ser movidas pelas urgências educativas do tempo presente.

Esse pressuposto aproxima as proposições teóricas de Bloch e Thompson. Na concepção thompsoniana, o fazer histórico e o próprio ofício do historiador assentam-se em um permanente diálogo entre os conceitos de uma teoria e as evidências pesquisadas nos documentos selecionados, as fontes. Esse processo não é aleatório, mas sim um diálogo conduzido tanto por hipóteses balizadas pela teoria quanto pela pesquisa empírica rigorosa. Para explicar essa engrenagem investigativa, Thompson utiliza uma metáfora processual iluminadora: o interrogador é a lógica histórica (o historiador munido de suas ferramentas de método); a interrogação representa a sua hipótese de trabalho (a pergunta gerada a partir das angústias do presente); e o interrogado constitui a própria evidência histórica.

Essa evidência, o indício documental, é dotada de existência real e concreta, o que significa dizer que ela possui uma autonomia factual que não poderá ser alterada, distorcida ou inventada pelo pesquisador apenas para caber no molde confortável de suas convicções teóricas. O conhecimento histórico legítimo resulta, desse modo, da permanente e inabalável interação entre a teoria e seus conceitos e as evidências presentes nas fontes. À medida que o tempo avança, "mudam os tempos, mudam os homens e com eles as perguntas que fazem ao passado" (THOMPSON, 1981, p. 43). Por essa razão, a lógica histórica thompsoniana define-se essencialmente como um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado a testar

hipóteses com rigor e a eliminar, na medida do possível, procedimentos autoconfirmadores de uma teoria ou de um dogmatismo metodológico.

3. A Categoria de Experiência como Elemento Articulador do Sujeito Educativo

Aprofundar a investigação das contribuições thompsonianas exige o exame rigoroso da categoria de *experiência*, sem dúvida um dos pilares mais sofisticados e debatidos de seu arcabouço conceitual. Para Thompson, a experiência surge no interstício estrutural, precisamente no ponto de fricção entre o ser social (as condições materiais concretas de existência dos indivíduos em sociedade) e a consciência social (as formas culturais e conceituais pelas quais eles pensam o mundo). O autor rejeita de maneira categórica a premissa de que as determinações econômicas se traduzem automaticamente em transformações na mente dos sujeitos. Os homens e as mulheres reais sofrem as transformações do modo de produção não como marionetes ou autômatos cognitivos, mas sim como agentes reflexivos que vivenciam as mudanças materiais. Essa vivência é processada, filtrada e traduzida através de valores herdados, de tradições comunitárias, de imperativos morais e de linguagens locais pré-existentes.

É nessa mediação ativa que reside o potencial explicativo da experiência para a História da Educação. Como bem pontuam Luciano Mendes de Faria Filho e Liane Maria Bertucci, a referência e a incorporação dessa noção permitiram aos pesquisadores compreender que os processos de escolarização não operam no vácuo sociocultural. (2009 e 2012) Quando as massas urbanas e as comunidades camponesas foram confrontadas com a expansão da rede escolar estatal — que, muitas vezes, buscava disciplinar os corpos para o trabalho fabril e homogeneizar as identidades linguísticas regionais —, elas trouxeram consigo uma densa bagagem de experiências prévias de educação informal e não institucionalizada. Os trabalhadores já se educavam de forma cooperativa em clubes de leitura autogeridos, nas sedes dos sindicatos, por meio da circulação panfletária e na tradição oral das narrativas familiares de opressão e revolta.

A experiência, sob esse ponto de vista, atua como um corretor metodológico indispensável para evitar o anacronismo e o elitismo intelectual na análise dos

fracassos educacionais (pensando a ideia de “fracasso” a partir do descompasso entre o normativo e as experiências concretas). Ao analisar os arquivos escolares de viradas de século, por exemplo, a documentação oficial comumente atribuía a evasão escolar e a repetência das crianças das classes populares a uma suposta apatia civilizatória, desinteresse familiar ou incapacidade intelectual crônica (SOUZA, 2009). Ao aplicar a lente da categoria de experiência, o historiador da educação é capaz de reverter esse diagnóstico ideológico. Revela-se que a ausência dos estudantes coincidia com os calendários das colheitas sazonais, com os fluxos do trabalho doméstico informal ou com táticas intencionais de preservação das culturas locais frente a uma pedagogia agressiva e excludente promovida pelo Estado (idem, 2009, p. 44).

Ademais, no contexto da formação docente, a categoria de experiência ilumina as trajetórias de vida e de profissionalização de professores e professoras. Os saberes que balizam a prática pedagógica quotidiana não emanam exclusivamente dos manuais de didática universitária ou dos decretos de ministérios (ESCOLANO, 2005). Ao contrário, formam-se por meio de uma acumulação histórica de experiências corporificadas: a memória da própria infância escolar, os desafios enfrentados no início da carreira em comunidades periféricas, as trocas informais nas salas de professores e os saberes de sobrevivência institucional em face de salários aviltantes e infraestruturas precárias. A história da profissão docente passa a ser lida, assim, como uma crônica de resistência e invenção tática sustentada pela experiência viva, e não como uma progressão linear de aperfeiçoamento técnico instrumental.

4. Cultura Escolar e Cultura Popular: O chão da escola como espaço de conflitos

Intrinsecamente articulada à noção de experiência, a formulação de *cultura* em Edward Palmer Thompson afasta-se de qualquer concepção meramente idealista. Para Thompson, a cultura é vista como algo contraditório e clivado por tensões indissociáveis das assimetrias de classe e de poder. A cultura popular, em especial, constitui uma arena de disputas onde costumes tradicionais resistem e negociam permanentemente com os imperativos disciplinares das classes dominantes e com os processos de mercantilização e racionalização social.

Essa conceituação de cultura como arena de conflito dialético impactou profundamente o campo da história das instituições escolares, promovendo um profícuo diálogo interdisciplinar entre a historiografia e a antropologia. O historiador da educação Marcus Aurélio Taborda de Oliveira destaca que o recurso às categorias thompsonianas fornece um arcabouço rigoroso para o estudo do currículo, das culturas escolares e da educação do corpo (2012). A escola deixa de ser encarada como um transmissor neutro de conhecimentos universais e passa a ser investigada como uma instituição imersa na disputa pela definição de quais saberes, quais modos de falar, quais comportamentos morais e quais disposições corporais são considerados legítimos ou ilegítimos.

Essas manifestações culturais dentro da escola pública não seguem um padrão harmônico de assimilação pacífica. O historiador português Justino Magalhães (2004) ressalta que o processo histórico de modernização educativa envolveu uma complexa articulação estrutural nos planos ideológico, comportamental, e curricular. No entanto, Magalhães adverte que essa institucionalização pedagógica não se deu de forma linear ou pacífica. A cultura escolar normativa — materializada nos regulamentos internos, nos manuais cívicos e nas sanções disciplinares — chocou-se historicamente contra a densidade das culturas vividas pelos estudantes e professores. Esta clivagem se expressa nitidamente na temporalidade rígida, que tenta impor um ritmo fabril e cronometrado à rotina dos alunos, em oposição direta às temporalidades orgânicas das dinâmicas comunitárias e familiares.

Da mesma forma, o conflito se desdobra nas dimensões linguísticas e espaciais das instituições escolares. Enquanto a norma oficial prescreve o isolamento disciplinar dos corpos em salas enfileiradas sob arquiteturas panópticas, as práticas populares escolares reapropriam-se criativamente dos pátios, corredores e salas de aula (ESCOLANO, 2005). Nestas frestas da vigilância institucional, os sujeitos afirmam (e reafirmam) vivências e experiências que desafiam as tentativas estatais de controle e disciplinarização. O chão da escola revela-se, sob este prisma, um território repleto de micro-resistências cotidianas, onde professores e discentes não atuam como executores cegos, mas como agentes que transformam a escola real em uma obra construída ativamente.

5. Pensar a escola contemporânea a partir de Thompson: desafios e possibilidades

O exercício de transposição das ferramentas analíticas de Edward Palmer Thompson para o espaço escolar contemporâneo nos convida a uma releitura das relações sociais construídas no cotidiano das instituições de ensino. A escola contemporânea encontra-se imersa em uma encruzilhada histórica profunda. De um lado, acentua-se a investida de políticas de cunho marcadamente neoliberal e gerencialista. Essas reformas materializam-se na proliferação de avaliações externas em larga escala hiper-padronizadas, em bônus salariais atrelados a metas quantitativas de produtividade corporativa, na precarização do trabalho docente, e na imposição de pacotes curriculares altamente instrumentais — como as recentes e controversas reformas do Ensino Médio no cenário latino-americano. Essas diretrizes tentam reinstaurar um novo tipo de determinismo tecnocrático que reduz a formação humana ao adestramento de competências socioemocionais voltadas à adaptabilidade ao mercado de trabalho.

Por outro lado, as escolas pulsam cotidianamente com a vivacidade das transformações culturais e das contradições vividas por seus sujeitos sociais. O fracasso escolar, os elevados índices de evasão na juventude periférica e o adoecimento mental de professores não podem ser compreendidos como disfunções técnicas do sistema que demandam mais aplicativos digitais de monitoramento ou auditorias gerenciais mais severas. Eles constituem, rigorosamente, sintomas do abismo intransponível entre uma escola que se pretende abstrata, corporativa e digitalizada, e a experiência social concreta de sujeitos marcados pela vulnerabilidade material, pela violência estrutural, mas também por saberes e identidades resistentes.

O incremento do autêntico engajamento pedagógico e da emancipação social dos educandos não guarda uma relação de causalidade positiva com o aumento de controles burocráticos ou com a blindagem tecnocrática dos currículos. Ao contrário, a realização educativa floresce precisamente na medida em que a instituição se abre a escuta e para a valorização das realidades locais. Como postula Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2012, p. 68), “as noções de cultura e experiência servem como um anteparo radical contra a transformação da pedagogia em uma engenharia social

asséptica". Quando a escola acolhe as culturas juvenis, as linguagens periféricas, os coletivos de saraus, o hip-hop, os saberes tradicionais das comunidades tradicionais e quilombolas e as memórias de luta de seus territórios, ela opera um deslocamento contra-hegemônico - a história a contrapelo na perspectiva de Walter Benjamin (1994) . O conhecimento científico deixa de ser uma mercadoria exótica a ser consumida passivamente para exames nacionais e passa a ser uma ferramenta de apropriação e emancipação na leitura do próprio mundo.

Nessa mesma linha interpretativa, Luciano Mendes de Faria Filho (2009) assevera que a escola se constitui por meio da tensão contínua entre os projetos oficiais e as práticas que os sujeitos produzem em resposta a essas intenções. O professor contemporâneo, longe de ser um técnico executor de apostilas ou plataformas digitais gamificadas, assume a estatura de um intelectual público thompsoniano quando exerce sua lógica pedagógica na seleção e adaptação dos conteúdos. Ele mobiliza o método regressivo de Marc Bloch, partindo das angústias, das dores e das inquietações do tempo presente dos seus estudantes para interrogar o passado histórico, buscando nele não soluções fáceis ou fórmulas dogmáticas, mas pistas e indícios de como as coletividades humanas enfrentaram a opressão e forjaram a sua própria história. A sala de aula converte-se, assim, em um espaço de reconfiguração de trajetórias de vida.

Considerações Finais

A travessia teórica e metodológica empreendida ao longo deste artigo busca evidenciar que o legado de Edward Palmer Thompson permanece dotado de uma potência analítica inesgotável para o campo da História da Educação e para os debates pedagógicos contemporâneos. A grande contribuição do historiador britânico consiste em demonstrar que as instituições e as classes sociais não nascem prontas a partir de fórmulas estruturais abstratas, mas se constituem no movimento e nas contradições do tempo presente. O "fazer-se" da classe operária inglesa, entendido como processo permanentemente ativo, nos convida a refletir sobre a constituição e configuração dos espaços escolares a partir de seus atores - professores, alunos, funcionários. Pensando a escola (e a história) como espaço em constante disputa e habitado por sujeitos dotados de consciência, memória e intencionalidade política.

A reflexão produzida pela articulação entre a teoria thompsoniana, o pensamento de Bloch e as formulações de Justino Magalhães, Luciano Mendes de Faria Filho e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira oferece aos educadores e pesquisadores de hoje um sólido porto seguro conceitual para resistir ao fatalismo e ao desalento pedagógico. Em tempos em que discursos mercadológicos tentam esvaziar a dimensão ética e política da docência, transformando escolas em meras agências de certificação técnica e instrumentalizadoras de capitais humanos individuais, Thompson nos permite deslocar o olhar e dar voz aos historicamente negligenciados pelas políticas públicas, especialmente sob a égide neoliberal.

Validar a experiência e salvaguardar a pluralidade cultural como as verdadeiras matérias-primas do ato educativo constitui, em última análise, o passo fundamental para a refundação da escola como um território de emancipação e justiça social. A lógica histórica thompsoniana, ao colocar em diálogo permanente os conceitos da teoria e as evidências reais do cotidiano, nos convoca a escutar os silêncios, a valorizar o conhecimento em desenvolvimento e a apostar firmemente na capacidade de agência dos sujeitos que habitam o chão da escola. É nas pequenas resistências, na reinvenção cotidiana dos currículos, na valorização dos corpos e na afirmação das identidades comunitárias que a escola contemporânea forja a sua história e concorre, ativamente, para a efetivação de um mundo mais humano, democrático e socialmente igualitário.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ESCOLANO, Benito A. Las Culturas de la Escuela en España: Tres Cortes Historiográficos. *Pro-Posições* (pp. 41-63), Campinas, SP, vol. 16, n.1 (46), jan./abr, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; BERTUCCI, Liane Maria. A história da educação depois de E. P. Thompson. *In*: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). E. P. *Thompson: historiografia e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 15-38.

MAGALHÃES, Justino. *Tecendo a manhã*: uma história pedagógica do tempo. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2004.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Cultura, experiência e corpo: a centralidade das categorias de E. P. Thompson para a História da Educação*. Revista Brasileira de História da Educação, Maringá, v. 12, n. 2 (29), p. 45-72, maio/ago. 2012.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da Pátria: História da escola primária no estado de São Paulo (1890 – 1976).* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.